

**ANÁLISE PSICOLÓGICA DE UM CASO CLÍNICO INFANTIL
NA PERSPECTIVA HUMANISTA**

**PSYCHOLOGICAL ANALYSIS OF A CHILD'S CLINICAL CASE IN A
HUMANIST PERSPECTIVE**

Aline Ribeiro da Silva

Roberta Maria Luz

Centro Universitário Padre Anchieta

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Hoffmann Palmieri Perches

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo a análise psicológica de um caso clínico de uma criança de quatro anos, cuja queixa dos responsáveis estava relacionada à falta de limites, intolerância, agressividade e não saber brincar. Os atendimentos foram realizados no Centro de Psicologia Aplicada de uma universidade no interior de São Paulo e foram analisados as intervenções da terapeuta e o progresso do cliente no decorrer de trinta sessões, a partir do embasamento teórico de Virginia Mae Axline e Carl Ranson Rogers, autores conceituados da psicologia humanista.

Palavras-chave: Psicoterapia Infantil; ludoterapia não-diretiva; psicologia humanista; abordagem centrada na pessoa.

ABSTRACT

This article aims at a psychological analysis of a clinical case of a four-year-old child, whose responsible ones 's claim was related to the lack of limits, intolerance, aggressive behavior and lack of ability to play. The sessions were carried out at the Applied Psychology Centre at a university in a town of the state of São Paulo. The therapist interventions and the client progress were analyzed in the course of thirty sessions. The study was theoretically based on the renowned authors of Humanist Perspective, Virginia Mae Axline Ranson and Carl Rogers, the renowned authors humanistic psychology.

Keywords: Child Psychotherapy; non-directive play therapy; humanistic psychology; person-centered-approach.

INTRODUÇÃO

Existe uma forma de psicoterapia que é destinada à criança e que a ajuda a resolver seus problemas e dificuldades. Esta psicoterapia infantil é conhecida como ludoterapia, a terapia pelo brincar, mas é um brincar diferente daquele em sua casa ou com seus amigos. É através dos brinquedos e das brincadeiras que a criança entra em contato com seus sentimentos (HOMEM, 2009).

Landreth (2002, apud HOMEM, 2009) define ludoterapia como sendo uma relação dinâmica entre a criança e um terapeuta, na qual este oferece um ambiente facilitador para a expressão e exploração de seus sentimentos, pensamentos, comportamentos e experiências através da comunicação que a criança conhece: o brincar.

Existem duas formas de Ludoterapia – uma é a diretiva, na qual o terapeuta é quem conduz a sessão, escolhe os brinquedos e os assuntos a serem abordados, e a outra é a não-diretiva, na qual o terapeuta apenas acompanha a criança em suas escolhas e é ela quem dita o que fazer durante a sessão. A ludoterapia não-diretiva foi desenvolvida por Carl Ransom Rogers (1902-1987), criador da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), cuja teoria parte do princípio de que todo ser humano tem um potencial de desenvolvimento no qual não necessita de nenhum direcionamento de suas atitudes, pois possuem uma tendência atualizante responsável na compreensão e construção de sua personalidade, baseados em suas vivências e atribuições de significados (BRANCO, 2001).

Esta tendência atualizante pode estar bloqueada e para que atue livremente é necessário um ambiente psicossocial favorável, o que pode ser concebido a partir de uma relação intersubjetiva, na qual lhe seja oferecido aceitação, acolhimento e congruência. “Se posso proporcionar uma relação, o outro descobrirá dentro de si mesmo a capacidade de utilizar aquela relação para crescer, e mudança e desenvolvimento pessoal ocorrerão” (ROGERS, 2010, p.37).

Ainda de acordo com Rogers (2010), para atingir os resultados esperados, o terapeuta não precisa de técnica e sim de atitudes, já que o enfoque está na capacidade do cliente e não apenas no conhecimento do terapeuta. Refere-se a três atitudes

necessárias e suficientes na facilitação do crescimento pessoal do cliente – autenticidade/congruência, aceitação positiva incondicional e empatia.

Por autenticidade entende-se uma postura genuína na relação terapeuta/cliente. Conceitua que “[...] é somente ao apresentar a realidade genuína que está em mim, que a outra pessoa pode procurar pela realidade em si com êxito” (ROGERS, 2010, p.38). A congruência está em ser transparente, de modo que suas palavras estejam de acordo com seus sentimentos e representações subjetivas daquela relação, no caso, a terapêutica. Já a aceitação positiva incondicional é uma aceitação afetuosa do indivíduo enquanto pessoa de valor, independente de sua condição, de suas atitudes, comportamentos e sentimentos. É a aceitação das atitudes expressas no momento, sem levar em consideração o quão negativas ou positivas elas são. Quanto à empatia, se refere ao desejo de compreender o cliente, seus sentimentos e a forma como os comunica naquele momento terapêutico. É ver a situação como o cliente a vê, é senti-la como ele a sente e conseguir comunicar essa compreensão de forma terapêutica a ele (ROGERS, 2010).

De maneira geral, Rogers (2010) conclui que se é possível criar uma relação pautada na autenticidade e transparência, com uma aceitação afetuosa e apreço pelo outro como um indivíduo único e demonstrar com uma capacidade sensível de ver seu mundo como ele os vê, então, o cliente será mais autoconfiante, compreensivo e aceitador, estando mais apto a enfrentar os problemas da vida.

Conforme apontado por Virgínia Mae Axline (1972), além das atitudes conceituadas por Rogers, para a psicoterapia infantil faz-se necessário também oito atitudes básicas do terapeuta: gostar de crianças e firmar uma estrutura calorosa e atenciosa para promover o seu autodesenvolvimento; ser apreciador e aceitador, não desejando que a criança seja diferente; ser permissivo para que ela sintase livre para explorar e expressar-se; ser sensível aos sentimentos da criança, refletindo-os para que ela desenvolva um auto-entendimento; acreditar que ela é capaz de resolver seus próprios problemas, dando-lhe a oportunidade de escolher e fazer mudanças; não dirigir as sessões e sim deixar que a criança indique o caminho; deve-se apreciar o processo terapêutico e não apressá-lo e, por último, estabelecer apenas as regras necessárias para que a criança esteja consciente de sua responsabilidade na relação.

Ainda referindo-se à Axline (1972), também é preciso estabelecer algumas regras básicas, tais como: tempo de sessão, a criança não pode quebrar nada, não pode danificar a sala de atendimento, nem bater no terapeuta ou se machucar. Tais limites são necessários para manter uma ordem na sessão e, para isso, o terapeuta precisa estar atento quanto a sua postura, para não rejeitar a criança quando ela tentar ultrapassar estes limites e quiser quebrar algum brinquedo. O terapeuta deve descrever o que ela faz, sem julgá-la ou criticá-la e, então, colocar o limite.

O presente artigo tem por objetivo a análise psicológica de um caso clínico de uma criança de quatro anos, cuja queixa dos responsáveis estava relacionada à falta de limites, intolerância, agressividade e não saber brincar. Os atendimentos foram realizados no Centro de Psicologia Aplicada de uma universidade no interior de São Paulo e foram analisados as intervenções da estagiária e o progresso do cliente no decorrer de trinta sessões, cujo embasamento teórico seguido foi de Carl Ranson Rogers e Virginia Mae Axline, autores conceituados dentro da perspectiva da psicologia humanista.

O caso clínico em questão pretende apresentar-se como referência para descrever o processo e os possíveis resultados obtidos ao se utilizar o método da ludoterapia não-diretiva. Para isso, não foi exposta nenhuma característica que identifique os envolvidos. Para uma melhor compreensão, foram construídas narrativas com os conteúdos que foram cuidados durante o processo terapêutico, como limites, regras e vivências psicológicas.

A relevância social do trabalho está na divulgação da eficácia do processo terapêutico com crianças, além de possibilitar a quebra de “tabus” no cuidado com elas. Já a relevância científica está no fortalecimento de estudos da ludoterapia não-diretiva no meio acadêmico, a fim de disponibilizar informações para possibilitar outras análises e compreensões de processos clínicos.

METODOLOGIA

A narrativa do caso clínico foi construída a partir dos relatórios de atendimento clínico de uma das autoras do presente artigo. Para não expor as pessoas envolvidas, foi

editado de forma que descaracterize os participantes, alterando nomes, características físicas, locais onde moram e frequentam. Os participantes diretos são o cliente e a estagiária.

Os dados foram descritos e depois analisados a partir da literatura estudada com compreensões e reflexões psicológicas e se referem ao período de estágio clínico que uma das autoras realizou com esta criança que, no caso, resultou em três semestres do seu curso de psicologia.

NARRATIVA

Walter Benjamin (1994), filósofo alemão, tinha como conceito central de sua filosofia a experiência e, como expressão desta, a narrativa. De acordo com Benjamin (1994, p. 205), “[...] a narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.” Acredita que a narrativa é a forma de comunicação mais adequada ao ser humano, já que reflete a experiência humana.

A narrativa pode ser entendida como uma técnica fenomenológica, já que através dela, pode-se aproximar da experiência tal como é vivida pelo narrador, mantendo os valores e percepções contidos na história. O outro, por sua vez, ao ouvir a história transforma-a de acordo com sua interpretação (DUTRA, 2002).

As narrativas, nesse trabalho, foram divididas em três momentos, que evidenciam as mudanças no processo terapêutico. O primeiro momento retrata as necessidades a serem trabalhadas com o cliente e a formação de vínculo, já o segundo momento demonstra as primeiras atualizações nos significados e comportamentos da criança. E por último, no terceiro momento, está nítido o amadurecimento psicológico do cliente ao introjetar e demonstrar empatia, respeito a regras e limites.

INFORMAÇÕES GERAIS DO CASO CLÍNICO

Leonardo Couto, quatro anos, mora com os pais, avó, um irmão, três tios e um primo em uma casa de dois cômodos. Durante a semana fica em uma creche das 07:00 às 16:00 horas. As principais queixas são relacionadas à agressividade, intolerância, não

saber brincar e falta de limite do cliente. A terapeuta é estagiária do Centro de Psicologia Aplicada, onde é orientada por uma supervisora de estágios na Abordagem Humanista em supervisões em grupo.

1º Momento

Nos primeiros encontros Leonardo apresentava resistência para entrar na sala de atendimento e só o fazia depois que seu acompanhante gritava, dando-lhe bronca ou até mesmo oferecendo algo em troca, como, por exemplo, dinheiro.

Dentro da sala de atendimento, Leonardo tinha alguns comportamentos inadequados – acionava o alarme de segurança da sala, ligava e desligava o ventilador, dizendo que queria queimá-lo, acendia e apagava as luzes, mudava a disposição dos móveis, jogava as folhas de sulfite novas e usadas no lixo, desperdiçava os materiais, rabiscava a parede. Para todos estes comportamentos a estagiária sempre intervia: “Compreendo que é importante para você fazer isso, mas não pode”. Diante da insistência do cliente a estagiária respondia: “Se você insistir em burlar as regras da instituição, nós precisaremos encerrar a sessão mais cedo”, dito isso o cliente ficava quieto. A estagiária sempre reforçava que aquele espaço era para ser usado como ele quisesse e teria 50 minutos para isso, mas não poderia quebrar nada, nem desperdiçar os materiais ou se machucar.

Sempre ficavam à disposição de Leonardo alguns materiais, tais como, folhas de sulfite, lápis de cor, caneta colorida, giz de cera, cola colorida e massa de modelar. Quando chegou para a quarta sessão, Leonardo ainda apresentava um pouco de resistência para entrar na sala de atendimento, mas depois, dentro da sala, percebeu os materiais que a estagiária havia deixado em cima da mesa e perguntou se ela o esperava e diante da confirmação, Leonardo sorriu, sentou-se à mesa e começou a brincar. Neste dia o cliente propôs que a estagiária usasse uma caneta como microfone, esta aceitou a brincadeira e ambos cantaram uma canção infantil até o final da sessão. A partir daí foi possível notar uma mudança no comportamento de Leonardo, que passou a entrar espontaneamente na sala e a brincar com os materiais, sempre perguntando antes o que podia ou não fazer.

Na sétima sessão, a última deste primeiro momento, enquanto desenhava, Leonardo disse para a estagiária que o Wellington era desobediente. A estagiária perguntou quem era Wellington e o cliente respondeu que era um menino que morava perto de sua casa. Questionado sobre por que ele era desobediente, o cliente respondeu que era porque ele fazia coisas que não podia. Quando a estagiária perguntou se ele também fazia coisas que não podia, o cliente respondeu: “Eu sou o diabo, estou amarrado”. Para encerrar a sessão, a estagiária conversou com o cliente e explicou que, conforme haviam combinado, entrariam de férias e voltariam a se encontrar depois de um mês.

2º Momento

Ao retornarem das férias, enquanto caminhava rumo à sala de atendimento, o cliente perguntou por que a estagiária não apareceu para brincar com ele e esta relembrou a conversa que tiveram na última sessão, na qual explicou que ficariam um tempo sem se encontrarem.

Nesta sessão Leonardo quis brincar com a massa de modelar e perguntou se podia jogar lantejoulas em cima dela. A estagiária interveio: “Você quem sabe”. O cliente perguntou: “Por que eu tenho que saber de tudo?”. E a terapeuta reforçou que ali era um espaço onde ele poderia fazer o que quisesse.

Neste segundo momento do processo terapêutico, Leonardo passou a compartilhar algumas vivências com a estagiária – contou que tinha uma namorada chamada Paula, que sua Tia Jô o beliscava quando ele escrevia errado, que seu pai batia nele porque ele saía na rua, contou também que sua avó havia expulsado o seu pai de casa, mas que não era para contar para ninguém e, então, a estagiária disse que guardaria segredo.

Leonardo passou a dividir conteúdos com a estagiária – em uma sessão ele simulou a compra de chicletes e deu um para a estagiária, em outra sessão ele pegou todos os materiais (sulfite, lápis de cor, caneta colorida, cola) e pediu para que ela ficasse com tudo. Leonardo passou também a requerer mais a atenção, ora pedindo para que se sentasse ao seu lado, ora acariciando seus cabelos e fazendo perguntas, tais

como: “Você é mulher?”; “Você usa calcinha?” ou, até mesmo observações como: “Hoje você veio com salto, saia e cachecol”.

Na última sessão deste segundo momento, Leonardo chegou para o atendimento dizendo que a estagiária ficaria de castigo por ter feito bagunça. Quando indagado se ele também ficava de castigo quando fazia bagunça o cliente não respondeu, pegou todos os materiais que estavam em cima da mesa e jogou-os no lixo. A estagiária descreveu a situação e pontuou novamente sobre o desperdício, mas Leonardo ficou em silêncio e tentou arrancar as folhas de sulfite das mãos dela.

A estagiária, aos poucos, preparou o cliente para as férias, explicou que ficariam sem se ver por dois meses. Quando retomou este assunto na última sessão, Leonardo sentou-se no chão, virou o rosto para a parede e gritou com a estagiária para que ela parasse de falar. Ficou assim até o final da sessão.

3º Momento

Leonardo chegou contando para a estagiária sobre suas férias, disse que não tinha ido viajar, mas que havia brincado bastante em casa. Comentou também que sentiu saudades de estar ali e disse: “Não posso fazer bagunça, senão vou ficar de castigo!”. A estagiária perguntou como ele se sentia ao ficar de castigo e este respondeu: “Fico muito bravo”. Na tentativa de fazer uma reflexão com o cliente, a terapeuta lhe disse: “Se o castigo te incomoda o que pode ser feito para não acontecer mais?”, mas o cliente ficou em silêncio.

Neste momento do processo psicoterapêutico, o cliente continuava chamando a estagiária para se sentar ao seu lado e emprestava seus brinquedos para ela brincar também. Em certa sessão, o cliente bagunçou bastante a sala e, antes de ir embora, perguntou se a estagiária conseguiria arrumar toda aquela bagunça, demonstrando se importar com ela. Leonardo não apresentou mais resistência para entrar na sala, apenas uma vez, quando ele encontrou a estagiária no corredor, foi abraçá-la e gritou: “Tia, vamos entrar!” e a estagiária disse que ainda não estava no horário, mas que dali a pouco iria buscá-lo e, quando o fez, Leonardo não quis entrar. Nesta ocasião a estagiária interagiu com o cliente: “Hoje você não trouxe seu carrinho vermelho? Na

brinquedoteca tem mais carrinhos que você pode escolher”. Diante disso, o cliente aceitou acompanhá-la até a sala de atendimento.

Em seus desenhos, Leonardo passou a trazer conteúdos da escola, por exemplo, em uma sessão desenhou algumas nuvens e contou que elas serviam para colocar o nome de quem fazia bagunça, que a sua professora já havia colocado o nome dele e que ficava triste quando isso acontecia. A estagiária interagiu perguntando se havia alguma maneira para que o nome dele não fosse colocado na nuvem e ele respondeu: “Sim, é só ficar quieto”. Propondo uma reflexão a estagiária disse: “Então você tem escolhas? Para a professora não colocar o seu nome na nuvem é preciso ficar quieto? E se fizer bagunça vai ficar triste, pois a professora incluirá o seu nome na nuvem?”. Compreendendo a reflexão, o cliente disse: “Sim”.

Histórias estiveram presentes neste momento da terapia. Leonardo passou a escolher alguns livros na brinquedoteca e sempre contava histórias que se resumiam em um menino que era bagunceiro, mas que agora estava “bonzinho”. Em algumas histórias ele usava personagens, como fez em uma sessão que pegou um livro e começou a contar: “Era uma vez um cachorro que ficou bonzinho.” A fim de incentivar o cliente a continuar a história, a estagiária pediu para que ele falasse mais sobre o cachorro e, então, o cliente continuou: “Ele era vira-lata”. Então, a estagiária perguntou: “Antes de ser bonzinho, o que o cachorro era?”, e o cliente respondeu: “Bagunceiro”.

Leonardo passou a demonstrar que conhecia as regras, então, sempre que pegava o guache para desenhar ele dizia: “Não pode colocar tinta na boca, porque fica doente e tem que tomar injeção”, ou, em outras situações: “Não pode bater a ponta da canetinha na lousa, senão estraga e as outras crianças e eu ficamos sem”; “Não pode desenhar no livro porque estraga e não posso usar depois”. Em uma sessão, na qual a estagiária havia se esquecido de pegar os materiais para desenhar, pediu para que enquanto ela fosse buscar, Leonardo ficasse sentado lendo uma história e este o fez, quando ela retornou para a sala encontrou o cliente sentado contando a história em voz alta.

Em determinada sessão, Leonardo jogou todo o guache no lixo e argumentou: “Vou fazer isso para que as outras crianças não brinquem mais com você”. A estagiária interveio: “Então, o Leonardo não quer que outras crianças brinquem comigo? Você não

quer me dividir com ninguém, acha que vai sobrar menos atenção para você se eu brincar com outras crianças?”. Leonardo ficou em silêncio.

Na última sessão, Leonardo subiu no sofá da recepção e fez sinais para a estagiária ir buscá-lo. Logo que entraram na sala de atendimento, o cliente sentou-se no sofá e disse que ia ler uma história. A estagiária propôs fazer uma coisa diferente e sugeriu que enquanto um contava a história, o outro ficaria escutando e vice-versa. O cliente aceitou a sugestão e disse que ia começar, pegou um livro e, como de costume, para cada página ele contava uma história diferente e a estagiária deitou no sofá para escutá-lo. Assim que terminou de ler, eles trocaram de lugar.

A estagiária começou a história: “Era uma vez um menino que fazia bagunça e brigava em casa e na escola. A sua mãe, preocupada, resolveu levá-lo em um lugar especial, para que brincasse com uma pessoa. Esta pessoa se chamava Roberta...”. De repente, o cliente começou a rir e disse para a estagiária: “Você também se chama Roberta”. E a estagiária continuou: – “Que coincidência, não é? Voltando à história, a Roberta começou a acompanhar o menino, compreendeu o que ele queria, seus sentimentos, propôs regras do que podia ou não fazer e aceitou ele como realmente era”. O cliente interrompeu a história, desceu do sofá e a estagiária lhe disse: “Leonardo, está difícil ficar quieto e escutar a história? Combinamos que seria uma troca, então, para eu terminar de contar a minha história, preciso que você preste atenção ou você não quer mais continuar esta brincadeira?”. O cliente deu risada, voltou a se sentar no sofá e a estagiária continuou a história: “No início o menino fazia bastante bagunça, acionava o alarme, xingava, quebrava os brinquedos e não conseguia brincar, mas o tempo passou e esse menino mudou completamente estas atitudes. Agora ele sabe brincar, conversar, fazer desenhos e as pessoas começaram a se aproximar dele, achando-o bonito, simpático e muito esperto. Daí todos viveram felizes para sempre. Qual o nome que podemos colocar neste menino?”. Foi quando o cliente respondeu: – “Ah, pode ser Leonardo”.

Com a intenção de aprofundar a apreensão e a compreensão do cliente, a estagiária perguntou: “Por que pode ser Leonardo?”. Ele respondeu: “Por que o Leonardo fazia bagunça e agora diminuiu”; continuando, a estagiária disse: “Entendi, então, esse menino pode se chamar Leonardo”.

COMPREENSÃO PSICOLÓGICA DO PROCESSO

De acordo com Axline (1972), a ludoterapia não-diretiva é um método muito eficaz nos atendimentos clínicos infantis, no qual o brincar facilita a auto-expressão dos sentimentos da criança e a libertação dos problemas acumulados por insegurança, agressividade, medo, confusão e frustração. Quando esses sentimentos são aliviados, a criança se conscientiza, esclarece-os, enfrenta-os, aprende a controlá-los ou simplesmente os esquece, e com o tempo atinge uma estabilidade emocional a ponto de perceber o seu potencial de capacitações, pensa e toma decisões por si mesma, amadurece psicologicamente e, por fim, torna-se pessoa.

Na concepção de Rogers (2010), todo indivíduo procura, em algum momento de sua vida, se tornar ele mesmo. O processo de tornar-se pessoa, no ambiente terapêutico, ocorre se o psicólogo compreender a maneira como o cliente sente o seu mundo interior, aceitá-lo como é, criar uma atmosfera de liberdade que proporcione espaço para ele se mover, pensar, sentir e ser em qualquer direção que desejar e, assim, começar a derrubar as falsas frentes, máscaras, ou papéis que usara no passado para atender as exigências dos outros.

Durante as trinta sessões com Leonardo, a estagiária deixou o cliente à vontade para aproveitar o espaço da forma que quisesse. Era o cliente quem conduzia a sessão e escolhia o que fazer e do que brincar, apenas respeitava as regras básicas para não se machucar, nem machucar a terapeuta. De acordo com Axline (1995, p.87), “[...] o valor terapêutico deste tipo de ajuda psicológica é baseado na experiência da própria criança, como um ser capaz, como uma pessoa responsável [...]”.

Ainda de acordo com Axline (1972), ao tomar consciência do papel que pode desempenhar em sua própria vida e aceitar a responsabilidade que advém dela, o indivíduo está capacitado a fazer suas escolhas com mais confiança. Quanto mais permissiva e aceitadora a estagiária era, mais Leonardo se revelava e se descobria.

No começo, Leonardo não sabia utilizar o espaço. Tinha resistência para entrar na sala, pouco interagia com os brinquedos e com a estagiária, apresentava comportamentos inadequados – acionava o alarme de segurança da sala, desperdiçava os materiais, ligava e desligava o ventilador, acendia e apagava a luz. Diante de tais atitudes, a estagiária descrevia seu comportamento e dizia para Leonardo parar quando

corria risco de se machucar ou quebrar algo de propósito – limites já combinados no início do processo.

Seguindo os apontamentos de Axline (1995), a estagiária buscou comunicar-lhe compreensão e reconhecimento de sua exteriorização referencial, com o intuito de fazer com que o cliente tivesse a iniciativa para fazer o que quisesse naquele setting. Aos poucos, Leonardo descobriu as possibilidades que havia naquele espaço e começou a usufruí-lo melhor, então, não mais apresentou resistência para entrar na sala e, dentro dela, brincava com todos os brinquedos, interagia com a estagiária e compartilhava conteúdos do seu dia-a-dia.

O cliente tinha o ideal de autoconceito de uma criança “boazinha” e obediente, mas, na verdade, era uma criança desobediente, que não sabia brincar e respeitar as regras. A diferença entre o que ele realmente era e o que gostaria de ser, de acordo com a teoria de Rogers, é o que gera insatisfação, desconforto e incongruência. O Self Ideal é um conjunto de características que o indivíduo gostaria de ter, e o Self Real é um contínuo processo de reconhecimento, ou seja, é a percepção que uma pessoa tem de si, baseada em experiências passadas, estimulações presentes e expectativas futuras (FADIMAN & FRAGER, 1986).

Na ludoterapia centrada na criança a comunicação entre terapeuta e cliente difere do processo com adulto. Na ludoterapia a comunicação pode ocorrer de duas formas: a forma verbal e a não verbal. A forma verbal é utilizada por meio de devoluções para clarear e facilitar a apreensão da experiência da criança e, para isso, é comum a utilização do reflexo simples, ou reiteração, que se baseia em um breve resumo do que foi expresso verbalmente pelo cliente. O terapeuta assinala um elemento significativo ou repete as últimas palavras da criança para facilitar a continuidade da comunicação. Outra forma é a não-verbal, que consiste em olhares, expressões faciais, postura corporal, gestos e silêncio (ROGERS & KINGET, 1975).

Há outras duas formas de intervenções verbais: o reflexo de sentimento, que é a intervenção na qual o terapeuta comunica ao cliente os sentimentos presentes naquele momento da relação. E existe ainda a elucidação, que visa tornar evidentes sentimentos e atitudes que não são propriamente ditos pelo cliente, mas que se refere a experiências que o cliente ainda não integrou ao seu auto-conceito. Estas duas intervenções são

usadas ocasionalmente com crianças, porém são mais apropriadas seu uso no processo psicoterápico com adultos (ROGERS & KINGET, 1975).

Na sessão em que Leonardo comentou sobre a professora colocar o nome das crianças que fazem bagunça em uma nuvem e que lhe causava incomodo ver seu nome exposto, a estagiária interveio no sentido de aprofundar o processo destes eventos que ocorriam com frequência em sua vida e não apenas no final da história, como era o relato de Leonardo. Assim possibilitou um espaço propício à realização de escolhas e o cliente refletiu sobre esta situação e concluiu que para não se repetir mais, “bastava ficar quieto na aula”, como ele mesmo finalizou sorrindo.

Na sessão descrita em que Leonardo jogou todo o guache no lixo e argumentou que havia feito isso para que as outras crianças não brincassem com a estagiária, segundo Axline (1972), é importante que a terapeuta esteja sempre alerta para identificar os sentimentos que a criança expressa e refleti-los para ela de tal forma que adquira conhecimento sobre seu comportamento, assim como fez nessa ocasião e na que o cliente disse que ficava triste quando a professora colocava o seu nome na nuvem e a estagiária acompanhou o seus sentimentos, descreveu-os e abriu a possibilidade de haver outras escolhas e modos de atuar que poderiam deixá-lo feliz, assim a estagiária favoreceu à criança uma reflexão de suas atitudes.

Conforme narrado no decorrer das sessões, mesmo ao querer burlar algumas regras, Leonardo passou a respeitá-las mais, introjetou valores de certo e errado, a ponto de dizer a estagiária o que podia ou não fazer, ou seja, ele mesmo ditava as regras – como quando ele disse que não podia colocar tinta na boca porque ficava doente e teria que tomar injeção, ou, então, quando disse que não podia bater a ponta da caneta na lousa porque estragava e as outras crianças e ele ficariam sem. Também passou a demonstrar afeto pela terapeuta – acariciava seu rosto e cabelo, sentava em seu colo, perguntava se estava certa a forma como brincava, enfim, passou a querer agradar a terapeuta, o que foi compreendido como uma capacidade de perceber o outro, que no início era restrita, já que quase machucou várias vezes a estagiária durante o brincar, por exemplo, quando brincavam de fantoche e ao dar um beijo com o boneco na estagiária era forte e brusco o movimento, então, a estagiária interveio: “Esse beijo doeu, era para doer?” E Leonardo respondia que não. Aos pouco sua capacidade de empatia ampliou.

Em uma das sessões, o cliente pergunta para a terapeuta se podia colocar a massa de modelar na lantejoulas e ela responde: “Você quem decide”, deste modo, a terapeuta permite que o cliente fique no comando da situação e de si mesmo. Quando o cliente diz: “Por que eu tenho que saber de tudo?”, faz parte do processo de estranhamento. De acordo com Axline (1972,), é comum a criança demonstrar certo espanto, ficar curiosa ou até mesmo desconfiada, pois durante toda a sua vida sempre recebeu ordens, restrições, desaprovações, críticas e instruções dos adultos e, de repente, se depara com uma pessoa que permite que seja ela mesma e que aja como quiser, sem julgá-la, sem restringi-la, alguém que se interessa por ela da forma como realmente é.

Na ocasião em que o cliente queria entrar para a sala antes do horário e a terapeuta pediu para que ele aguardasse um pouco e, depois, quando ela foi chamá-lo ele se recusou a entrar, pode-se compreender que seu self introjetou os limites como sendo uma rejeição, evidenciando sua baixa tolerância à frustração, como a família enfatizava. Porém não foi duradouro esse sentimento, Leonardo mostrou ter adquirido recursos psicológicos durante o processo ao aceitar a sugestão da terapeuta para brincar com outros brinquedos.

Com relação ao espaço terapêutico, Axline (1972), orienta que os materiais devem ser guardados em lugares à vista e de fácil acesso às crianças, de modo que elas possam ter a liberdade para optar por aqueles que desejam. Isso, conforme a experiência da autora propicia mais resultados positivos para o processo da criança, ao invés de oferecer uma quantidade de material limitado. Nos atendimentos com Leonardo não foi possível ter este lugar à disposição, para que ele pudesse ter os brinquedos em mãos sempre que quisesse, porém, era disponibilizada uma brinquedoteca, onde podia escolher até três brinquedos em cada sessão. O que não comprometeu o processo, evidenciando a tendência atualizante, que nesse caso foi expressa pela criatividade e capacidade de se beneficiar do espaço terapêutico como este se apresentava.

A tendência atualizante é uma capacidade inata, que existe em todo ser humano, de atualizar o seu potencial de crescimento envolvendo todas as funções do organismo. O ser humano tem capacidade de compreender-se e de fazer escolhas construtivas na vida. Esta tendência é individual e constante, atuando tanto em condições favoráveis quanto desfavoráveis, mas neste último caso ela pode ser distorcida e, caso isso ocorra,

se o terapeuta tiver as três atitudes, já apontadas anteriormente, durante o processo psicoterápico, poderá ocorrer o desbloqueio desta atualização e, conseqüentemente, ocorrerá atualização do self.

CONCLUSÃO

Este artigo é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por duas alunas do quinto ano de Psicologia e teve como objetivo desenvolver uma interlocução entre a prática e a teoria da ludoterapia segundo a Abordagem Centrada na Pessoa. Entende-se que foi um processo clínico com bons resultados e que se mostrou promissor para o cliente, pois a criança ampliou o seu self, que antes se mostrava rígido e com distorções da percepção de si e do mundo; desenvolveu afeto e empatia, introjetou regras e limites a partir dos próprios recursos e, principalmente, aprendeu a brincar, elemento necessário para a saúde psicológica de qualquer criança. Foi um processo em que a autonomia e a crença no poder da relação imperaram, pois se permitiu que intersubjetividade e a espontaneidade fossem norteadores do processo terapêutico, e não técnicas ou objetivos pré-estabelecidos.

REFERÊNCIAS

AXLINE, Virginia Mae (1947); *Ludoterapia: a dinâmica interior da criança*. Tradução Ângela Maria Valadares Machado Coelho. Belo Horizonte: Interlivros, 1972. 382 p.

_____ (1964); *Dibs em busca de si mesmo*. Tradução Celia Soares Linhares. 19ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995. 290 p.

BENJAMIN, Walter (1994); *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense. 256 p.

BRANCO, Taciane Marques Castelo; *Histórias Infantis na Ludoterapia Centrada na Criança*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia, PUC-Campinas, 220 p., 2001. Disponível em: <

http://gruposerbh.com.br/textos/dissertacoes_mestrado/dissertacao05.pdf >. Acesso em: 02 set. 2011

DUTRA, Elza; *A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica*. Estudos de Psicologia, Natal, vol. 7, n. 2, p. 371-378, jul/02. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf> >. Acesso em: 07 set. 2011

FADIMAN, James; FRAGER, Robert (1986); *Teorias da Personalidade*. Tradução Camila Pedral Sampaio, Sybil Safdié. São Paulo: Harbra, 1976. 393 p.

HOMEM, Catarina; *A ludoterapia e a importância do brincar: reflexões de uma educadora de infância*. Cadernos de educação de infância, n. 88, p.4, dez/09. Disponível em: < http://www.apei.pt/upload/ficheiros/edicoes/CEI_88_Artigo2.pdf >. Acesso em: 21 set. 2011

ROGERS, Carl Ransom (1961) *Tornar-se Pessoa*. Tradução Manuel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 489 p.

ROGERS, Carl Ransom; KINGET, Godelieve Marian. *Psicoterapia e Relações Humanas: teoria da terapia não-diretiva*. Tradução Maria Luiza Bizzoto. Belo Horizonte: Interlivros, 1975. 274 p.